

DISTRIBUIÇÃO DA PRODUÇÃO AGRÍCOLA: O PANORAMA DA AGRICULTURA FAMILIAR NO MUNICÍPIO DE CAMPOS DOS GOYTACAZES E A PARTICIPAÇÃO DO PODER PÚBLICO

Ivan Souza de Abreu – ivansouzadeabreu@gmail.com - Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro

Eixo temático: Política Municipal, Desarrollo Urbano y Rural, Ciudades Incluyentes y Sostenibilidad

Trabalho preparado para sua apresentação no X Congresso Latino-americano de Ciência Política (ALACIP), organizado conjuntamente pela Associação Latinoamericana de Ciência Política, a Associação Mexicana de Ciência Política e o Tecnológico de Monterrey, 31 de julho, 1, 2 e 3 de agosto 2019.

Resumo: O seguinte trabalho tem por objetivo principal analisar brevemente as condições existentes para a manutenção da cadeia logística dos produtores familiares de Campos dos Goytacazes bem como de verificar parcialmente o perfil produtivo da agricultura familiar do município. A partir desse panorama, faz-se uma observação sobre o acesso a políticas públicas municipais voltadas a agricultura familiar por parte dos produtores analisados e as demais formas de participação pública no processo produtivo.

1 – A agricultura familiar no Brasil e suas definições

Dentre as inúmeras atividades realizadas pela humanidade desde os primórdios da civilização encontra-se entre as mais relevantes a agricultura. O principal objetivo desta atividade, em sua concepção dentro da etimologia da palavra, é a obtenção de alimentos, bebidas, fibras, variados tipos de matérias-primas dentre outros fins por meio de técnicas específicas de cultivo de vegetais (MARTINS, 2016, p. 3)

A atividade agrícola pode ser realizada em larga escala e em menor escala, sendo a produção em larga escala notadamente voltada para a exportação, no caso da realidade brasileira. Os grandes latifúndios produtivos do Brasil concentram a maior parte da matéria que é vendida para o exterior. Segundo as análises da consultoria EcoAgro¹ (2013), voltada

¹ Especializada no desenvolvimento e estruturação de operações financeiras tendo como principal desafio ser o elo entre a cadeia produtiva do agronegócio e o mercado de capitais. Fonte: <http://www.ecoagro.agr.br/quem-somos/>

para o agronegócio, algumas das principais características que mostram o tamanho da importância de tal atividade na economia brasileira são:

- Cria aproximadamente 37% de todos os empregos do país.
- Responde por aproximadamente 39% das exportações.
- Saldo comercial de aproximadamente 79 bilhões de dólares em 2012.
- Aproximadamente 30% das terras brasileiras são utilizadas para agropecuária.
- Aproximadamente 61% do território ainda é coberto por matas originais.

Sobre os rendimentos oriundos do agronegócio brasileiro, no ano de 2017 o setor rendeu cerca de 96,01 bilhões de dólares, mostrando um crescimento de 13% em relação ao ano anterior segundo dados apresentados pelo Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (2018). As expectativas sobre o setor em 2018, segundo análises do Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (CEPEA) estimam que o setor deve ter um crescimento de 3,18% no valor do PIB-volume em relação ao ano anterior (2018). Diante disto, observa-se que o agronegócio representa uma grande importância para a economia brasileira. Segundo Naves, há uma série de agentes que são necessários para que este ramo tenha grande fluência.

A produção agropecuária decorre de uma complexa rede de agentes e atividades que se interligam à montante e a jusante da fazenda e seus resultados (competitividade, geração e distribuição de renda, emprego, crescimento e desenvolvimento econômico, etc.) estão relacionados à articulação e à eficiência dos agentes econômicos envolvidos e dos ambientes institucionais e organizacionais disponibilizados. (NAVES, 2007, p. 1)

Nessa complexidade de agentes, cabe fazer a definição do objeto de estudo deste trabalho que é a agricultura familiar. Segundo Watanabe e Tredezini (2010, p. 2,3) discutir a agricultura familiar não é uma tarefa fácil, existindo uma multiplicidade de metodologias, critérios e variáveis para construir tipologias de produtores. Para tanto, vários autores determinam o que é a agricultura familiar dentro de características específicas.

Segundo Guanzioli (1998), o produtor familiar é caracterizado segundo a condição do trabalho no seu estabelecimento: quando ele (o produtor) faz uso de maior número de força de trabalho familiar do que a contratada. Para Schneider e Nierdele (2008), não se tem uma definição rigorosa sobre o conceito de agricultura familiar, havendo uma certa generalização em torno da idéia de que o agricultor familiar é aquele que vive no meio rural e trabalha na agricultura com sua família. Embora trabalhem em um pequeno

lote de terra, utilizando basicamente a força de trabalho doméstico, os diferentes grupos sociais encontrados no Brasil formados por diversas categorias podem ser denominados de agricultores familiares. Segundo os mesmos autores, de norte a sul do Brasil, é possível que eles sejam denominados de colonos, sitiante, posseiro, morador, ribeirinho, entre outros. (WATANABE; TREDEZINI, 2010, p. 2-3)

Partindo do que foi exposto pelos autores, pode-se definir como produtor familiar basicamente aqueles atores que, como principal característica, usam da força de trabalho de seus entes próximos (daí o termo “familiar”) e usam de pequenos espaços de terra, notadamente localizados no meio rural, para o desenvolvimento de sua atividade, podendo ela ser comercial ou de subsistência. Sob termos formais, de acordo com a Secretaria Especial de Agricultura Familiar e do Desenvolvimento Agrário da Casa Civil da Presidência da República (SEAD), a constituição define como agricultura familiar:

A Lei 11.326/2006 diz que agricultores familiares são aqueles que praticam atividades no meio rural, possuem área de até quatro módulos fiscais, mão de obra da própria família e renda vinculada ao próprio estabelecimento e gerenciamento do estabelecimento ou empreendimento por parentes. Também entram nessa classificação silvicultores, aquicultores, extrativistas, pescadores, indígenas, quilombolas e assentados da reforma agrária. (SEAD, 2018, s/p)

Dessa forma, percebe-se que em termos institucionais há uma variedade de grupos que se enquadram naquilo que é considerado como agricultura familiar além dos agricultores em si, como os aquicultores, indígenas e pescadores. Aliado a isso é perceptível que a maneira como é traçado o perfil do produtor familiar não diverge daquele exposto pelos estudiosos da área. Quanto ao aspecto da área utilizada por aqueles que se enquadram nas normas institucionais, segundo Watanabe e Tredezini (2010, p.3) , um número grande agricultores familiares tem um lote menor que 5 ha, o que, muitas vezes, inviabiliza a exploração sustentável dos estabelecimentos agropecuários. Adendo a isso, com exceção das atividades de subsistência, a sustentabilidade das pequenas propriedades é condicionada pela participação em certas cadeias produtivas pela localização econômica e pelo grau de capitalização (BUAINAIN; ROMEIRO; GUANZIROLI, 2003)

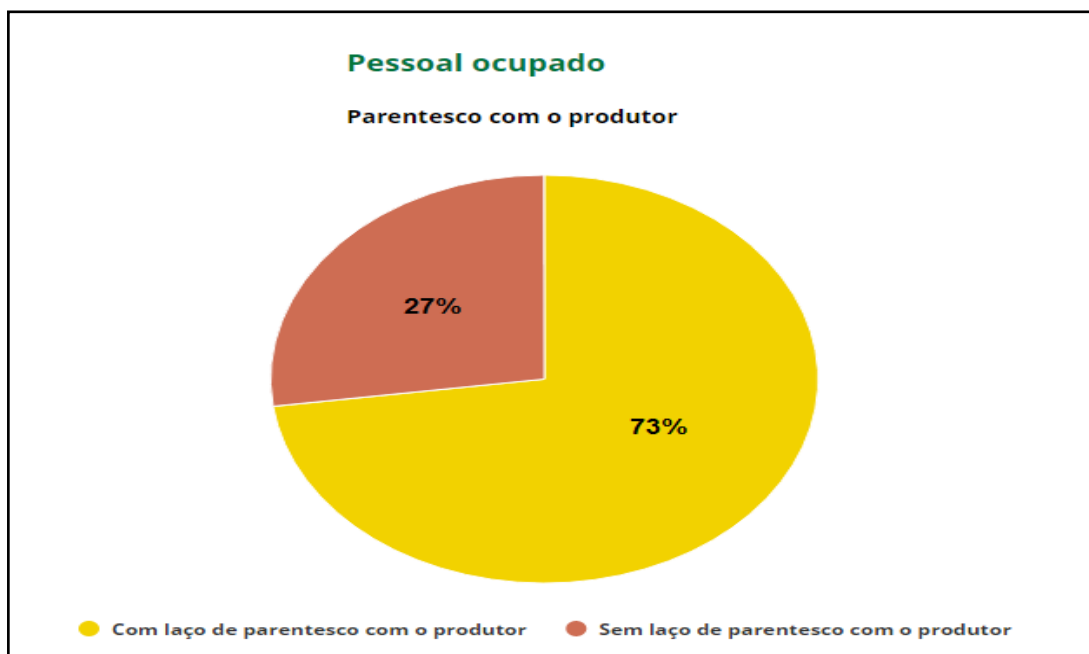
Segundo levantamento realizado pelo Governo do Brasil, baseado numa comparação de dados disponibilizados pelo Banco Mundial e Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, o faturamento anual da agricultura familiar é de 55,2 bilhões de dólares. O que corresponde a mais da metade do faturamento do agronegócio brasileiro contando a

produção de larga e pequena escala. Além do fator econômico, a produção familiar tem um fator de importância sob o viés social e do combate a fome.

A importância econômica vincula-se ao abastecimento do mercado interno e ao controle da inflação dos alimentos consumidos pelos brasileiros, uma vez que mais de 50% dos alimentos da cesta básica são produzidos por ela, a agricultura familiar. É ela a responsável por garantir a segurança alimentar e a erradicação da fome. Segundo o Ministério do Desenvolvimento Social (MDS), no Brasil, 70% dos alimentos que chegam à mesa da população são produzidos pela agricultura familiar. (SEAD, 2018, s/p)

Trazendo novamente a questão da mão de obra, há que se notar uma grande participação de membros com parentesco aos produtores rurais na atividade agropecuária, o que vem caracterizar justamente a predominância da produção familiar no agronegócio brasileiro. De acordo com os dados presentes no Censo Agropecuário (2017), 4.0781.191 dos trabalhadores do campo afirmaram não ter qualquer tipo de parentesco com o produtor principal, enquanto 10.958.787 dos entrevistados afirmaram possuir tal vínculo. O gráfico abaixo, também disponibilizado pelo mesmo censo, mostra a representação percentual deste cenário na realidade do agronegócio brasileiro.

Parentesco do pessoal ocupado com o produtor rural



Fonte: https://censos.ibge.gov.br/agro/2017/templates/censo_agro/resultadosagro/produtores.html

2 – Uma breve abordagem sobre logística

Baseado nesses princípios nasce aquilo que é chamado de logística. De forma mais conceitual, o *Oxford English Dictionary* define logística como o ramo da ciência militar responsável por obter, dar manutenção e transportar material, pessoas e equipamentos. A definição da palavra é totalmente calcada, como observado, nas necessidades dos militares do passado em organizar suas batalhas.

Segundo Ballou, 2006, o conceito logístico teve sua origem em organizações militares, devido ao distanciamento das lutas, tiveram necessidades de estudar e planejar o abastecimento das tropas como armamentos, alimentos, água, medicamentos e alojamento (BALLOU, 2006 apud SOARES; RODRIGUES; GONÇALVES, 2012, p. 3,4).

A variedade de definições para o conceito se mostra bastante variada dentro do estudo. Num viés distinto, logística é o processo de planejamento, implantação, controle do fluxo rentável, armazenamento de matérias-primas, estoque de produtos acabados e em processo e alistamento do fluxo de informações do ponto de origem ao ponto de consumo, conforme as exigências dos clientes (COOPER; LAMBERT; PAGH, 1997 apud WATANABE; TREDEZINI, 2010, p. 3-4).

Com o passar dos anos, as ideias por trás da logística em seu viés militar passaram a ser trazidas para a realidade das organizações modernas. Segundo Soares, Rodrigues e Gonçalves (2012) a logística passou a ser estudada como ferramenta estratégica e introduzida nas organizações, as empresas passaram adotar o planejamento logístico enfatizando a satisfação do cliente. A Associação Brasileira de Logística define o campo como:

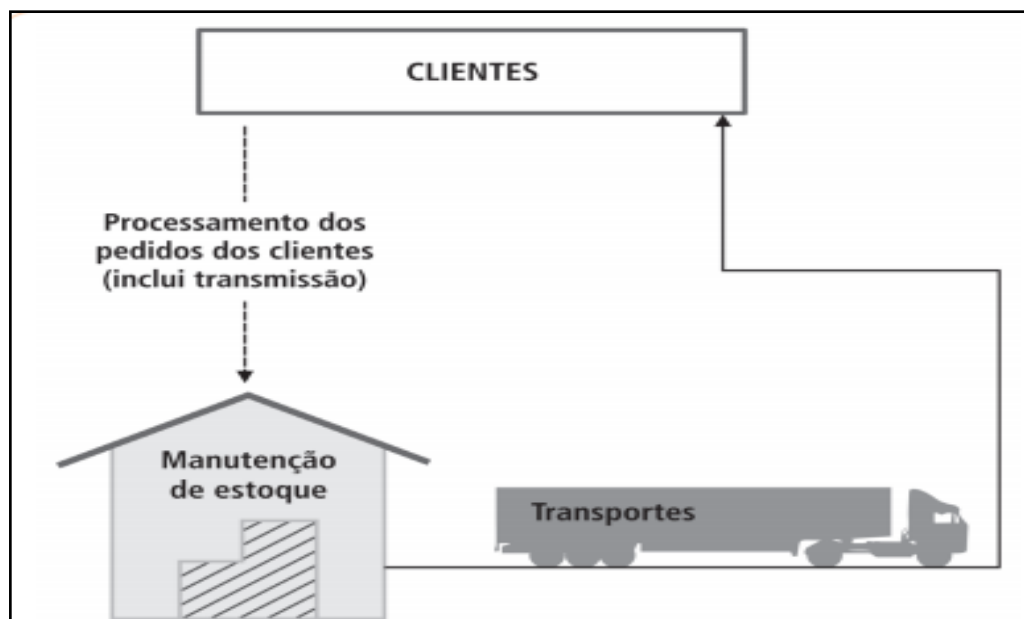
[...] o processo de planejamento, implementação e controle do fluxo de armazenagem eficientes e de baixo custos de matérias primas, estoques em processos, produto acabado e informações relacionadas, desde o ponto de origem até o ponto de consumo, com o objetivo de atender aos requisitos do cliente. (ASLOG, 2012 apud SOARES; RODRIGUES; GONÇALVES, 2012)

Logo, a existência da logística se dá pela necessidade de buscar a organização do fluxo de serviços e produtos existentes dentro de uma empresa ou qualquer outro modelo de negócio. Dessa forma, a logística se baseia em duas linhas: as atividades primárias e as atividades secundárias. Soares, Rodrigues e Gonçalves, dentro do panorama do mundo globalizado, as definem da seguinte maneira:

Atualmente a logística está inserida em um mundo mais globalizado, como ferramenta competitiva dentro das organizações, através de planejamento, implementação e controle de fluxo de armazenagem dos produtos, desde o ponto de origem ao ponto de consumo, buscando o aperfeiçoamento contínuo. A logística segue dividida em duas atividades – as primárias (Transporte, Manutenção de Estoque e Processamento de Pedido) e secundárias – (Armazenagem, Manuseio de Materiais, Embalagem, Obtenção/Compras, Programação de Produtos e Sistema de Informação). (SOARES; RODRIGUES; GONÇALVES, 2012, p.2)

As atividades primárias, segundo Ballou (2006), são colocadas no autor define como “ciclo crítico de atividades logísticas”. (BALLOU, 2006 apud MEC, 2012, p. 47) Estas atividades estão diretamente ligadas à necessidade de transportar os produtos ao cliente, sempre lembrando que as condições em que a mercadoria deve se encontrar ao chegar no encontro do seu comprador deve ser a melhor possível. A figura abaixo demonstra de maneira simplificada como funciona esta parte das atividades

Diagrama do “ciclo crítico das atividades logísticas”



Fonte: http://redeetec.mec.gov.br/images/stories/pdf/proeja/fundamentos_logistica.pdf

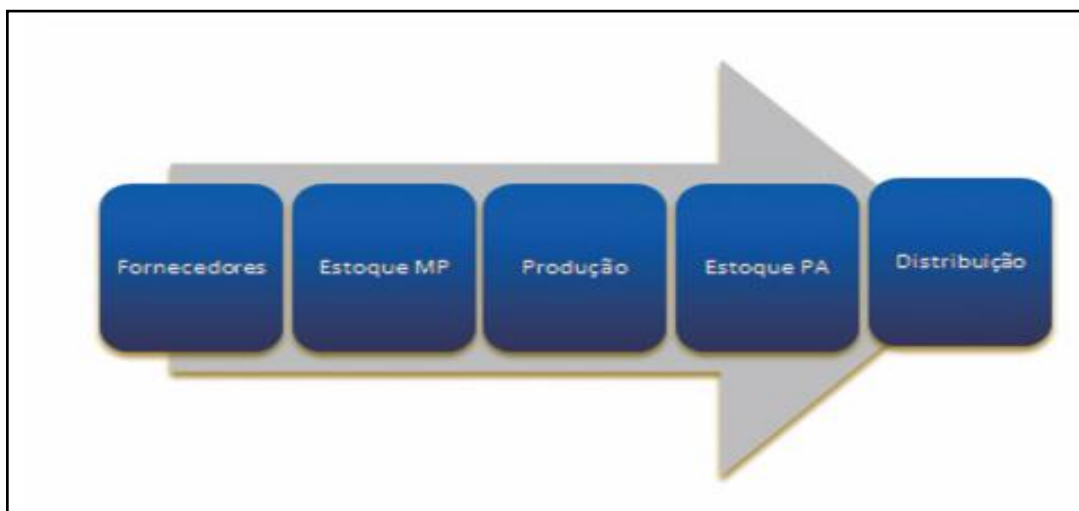
As atividades secundárias, de acordo com o autor, atuam como complemento às atividades primárias. No caso, elas servem como suporte para que o “ciclo crítico de atividades logísticas” possa vir a ter um melhor funcionamento, pois contribuem diretamente com a disponibilidade e a condição física de bens e serviços para que fluam de forma

satisfatória (MEC, 2012, p. 47). Sendo assim, podem-se observar algumas formas de apoio às atividades primárias como:

- Atividades de apoio ao transporte: armazenagem, de forma que o produto seja vedado da melhor maneira possível para que não seja danificado enquanto houver o deslocamento. Logo, o objetivo é manter a integridade do produto.
- Atividades de apoio à manutenção do estoque: as principais são a programação de produto e a manutenção de informações. Enquanto a primeira está ligada ao tamanho dos produtos presentes no estoque, a segunda diz respeito às informações transmitidas no fluxo logístico.
- Atividades de apoio ao processamento de pedidos: está associada às informações ligadas a disponibilidade dos produtos dentro do estoque.

Assim sendo, define-se - como uma espécie de resumo de todo este aparato - os processos logísticos. No caso, processos logísticos são todos os momentos presentes dentro da cadeia logística, ou seja, iniciando da compra de materiais, passando pelo armazenamento, transporte até a distribuição (ou venda) (MEC, 2012, p.63). A figura seguinte explica, de maneira didática e simplificada, como funciona tal processo desde seu início.

Processos logísticos



Fonte: http://redeetec.mec.gov.br/images/stories/pdf/proeja/fundamentos_logistica.pdf

Dessa forma, ao final deste levantamento teórico, pode ser definido o ciclo logístico como:

Toda cadeia de suprimentos é formada por diversos indivíduos onde cada qual busca lucratividade e rentabilidade necessária para a sua manutenção no mercado e conquista de novas fatias do mesmo. Não se esquecendo do cliente que espera o menor custo possível para o produto ou serviço pretendido. Então a função de todos da cadeia é, conforme Slack (1997), equilibrar o fornecimento com a demanda e garantir clientes satisfeitos. Donier *et al.* (2007), relatam também que a logística tem como premissa básica a otimização, minimizando o custo perante um nível de serviço predeterminado ou maximizando o serviço diante de uma restrição de orçamento. (SANTOS, 2014, p. 17).

Dentro da conjuntura existente na agricultura familiar a logística poderia ser implantada como um instrumento que servisse de apoio ao produtor familiar aos seus principais fornecedores, aos seus centros de armazenamento e clientela, uma vez que sua cadeia de produção seja inicialmente estabelecida. Esta organização poderia contribuir para a gestão da cadeia em si, agregar valor aos produtos agrícolas e reduzir os custos condicionados a todo o processo produtivo. (TROMBINI; TAKENAKA, 2015, p. 3)

3 – Sobre a agricultura familiar de Campos dos Goytacazes e o perfil do produtor familiar do município

A agricultura familiar no estado do Rio de Janeiro passou por diversas transformações para que, hoje, se encontre como uma atividade bastante concentrada em duas regiões do estado. As ditas transformações passam por mudanças significativas no modelo econômico adotado pelo estado, sobretudo nas formas de atrair investimentos para a região. Cribb (2008) traça uma linha do tempo desse processo dividida em três vias:

[...] as transformações ocorridas nesta região, [...] distingue três grandes ciclos de crescimento econômico. O primeiro ocorreu no século XIX (1880-1890), a partir da produção de cana-de-açúcar, com base no modelo mercantil escravista. O segundo, já no século XX (1910-1975), foi impulsionado pelos investimentos que modernizaram o parque industrial sucroalcooleiro da região, tendo por base o modelo mercantil-capitalista. O terceiro foi iniciado no final do século XX, caracterizado pelos vultosos investimentos da Indústria do Petróleo na Bacia de Campos. (CRIBB, 2008, p. 5-6)

Segundo Cribb (2008, p. 6), um dos fatores determinantes para a entrada no novo ciclo de desenvolvimento econômico do estado do Rio de Janeiro está completamente ligado ao

próprio desinteresse dos chamados usineiros em continuar investindo na extração e preparação da principal matéria-prima, a cana de açúcar. O principal fator para a ocorrência dessa situação foi a falta de subsídios governamentais para a manutenção desta atividade.

No período que abrange o fim da década de 1980 e início da década 1990 houve uma grave crise econômica no estado do Rio de Janeiro². A crise, angariada em decorrência da necessidade nacional de se pagar a dívida externa, causou grandes impactos em setores de suma importância para a economia fluminense como o comércio, causando um aumento no índice de desemprego. Segundo Cribb, no que tange o impacto desta crise econômica na agricultura familiar de Campos dos Goytacazes, “as significativas quedas de produção de cana aconteceram junto com a degradação econômica de todo o estado do Rio de Janeiro”. (CRIBB, 2008, p. 7)

Dado esse panorama, vê-se que o maior município do norte fluminense - Campos dos Goytacazes - foi o grande beneficiado da arrecadação por via de *royalties* e participações especiais. A tabela a seguir, disponibilizada a partir do relatório de prestação de contas elaborado pela Prefeitura do município, demonstra que mesmo com a queda os valores se mostram ainda bastante consideráveis.

Painel de transparência do município de Campos dos Goytacazes

RECEITAS DE TRANSFERÊNCIAS	2012	2013	2014	2015	2016
TRANSFERÊNCIAS CORRENTES	2.044.411.432,50	2.102.480.677,01	2.093.788.830,74	1.441.618.989,45	1.053.924.137,45
TRANSFERÊNCIAS DA UNIÃO	1.558.544.352,16	1.523.308.196,48	1.536.119.190,76	921.450.284,68	617.082.945,90
COTA PARTE F.P.M.	44.683.086,21	47.767.762,91	51.520.789,84	52.707.771,10	49.613.319,55
COTA PARTE ROYALTIES	1.346.355.621,56	1.311.737.484,96	1.288.409.821,84	696.684.049,23	381.319.346,32
TRANSFERÊNCIA DO SUS	123.909.057,34	117.029.489,96	137.340.433,17	126.973.183,62	134.218.569,47
FNDE	33.414.616,80	37.310.864,32	48.216.509,13	37.923.249,37	41.248.750,76
DIVERSOS	10.181.970,25	9.462.594,33	10.631.636,78	7.162.031,36	10.682.959,8
TRANSFERÊNCIAS DO ESTADO	345.205.759,69	415.417.733,49	389.005.622,66	346.690.852,50	259.591.329,85
ICMS	293.224.738,40	348.106.452,85	327.775.918,82	292.527.856,09	214.594.756,39
IPVA	21.568.935,16	25.900.365,17	29.452.771,99	31.756.287,54	29.701.557,46
IPI	7.966.451,17	8.627.776,95	8.872.166,69	6.365.194,25	5.295.014,86
COTA PARTE ROYALTIES	18.149.003,66	18.816.440,75	17.307.668,23	13.262.168,31	9.563.699,86
OUTRAS TRANSFERÊNCIAS DO ESTADO	4.296.631,30	13.966.697,77	5.597.096,93	2.779.346,31	436.301,28
FUNDEB	131.168.249,35	160.702.767,07	165.947.166,13	170.943.138,39	175.369.901,00
OUTRAS TRANSFERÊNCIAS	9.493.071,30	3.051.979,97	2.716.851,19	2.534.713,88	1.879.960,70

Fonte: <https://transparencia.campos.rj.gov.br/attachments/815a5870fdc52dfbcc8f09a087dd19eb46e67ec/e/store/dbaa3d9fd77d4b772bb0f051c8bbd9ddf138f65a862328dbb47b3e9fa193/RAC-2016.pdf>

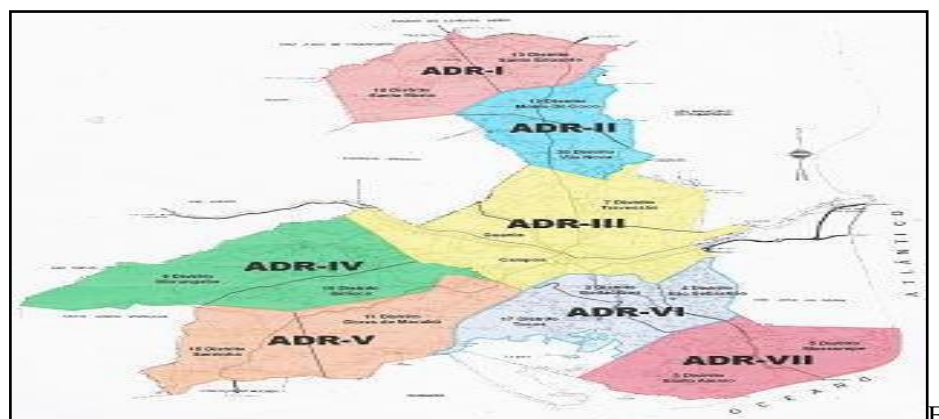
² Fonte: http://www.ie.ufrj.br/images/pesquisa/pesquisa/textos_sem_peq/texto1009.pdf. Ao entrar no repositório de artigos da UFRJ é perceptível que o nome do autor do artigo não aparece no texto. Por conta disso, foi feita a opção de colocar o link para acesso ao trabalho ao invés de colocá-lo como uma das referências.

Mesmo que em Campos dos Goytacazes a maior parte da receita municipal seja proveniente de *royalties* do petróleo, o fato do município possuir um trecho rural na maior parte de sua extensão territorial corrobora para que seja um dos municípios com maior número de estabelecimentos rurais do estado do Rio de Janeiro, com mais de 3.000 conforme os dados apresentados nas prévias do Censo Agropecuário de 2017. De forma concomitante, com base no Cadastro do Produtor Rural (CDR) existem no total 4.068 produtores rurais no município, dos quais a maioria se enquadra na agricultura familiar.

Como parte da região norte fluminense, o município se beneficia das grandes possibilidades de comercializar a produção não apenas no âmbito local. Pela posição privilegiada, geograficamente falando, das principais capitais da região sudestes e por se tratarem de mercados em que existe um grande consumo de leguminosos e frutas. Além disso, está próximo a organizações e grupos de pesquisa que visam trabalhar em torno do desenvolvimento agrário da região. (CRIBB, 2008, p. 6-7)

O município ainda, devido a sua já citada grande extensão territorial divide-se em sete áreas distintas, pensadas para melhor organizar os produtores rurais. Além dessa organização quanto ao número de pessoas envolvidas nas atividades rurais, usa-se o mapeamento para contabilizar quais são os produtos com maior índice produtivo por área, quais as principais demandas de cada produtor dentre outros aspectos. Elas são chamadas de Áreas de Desenvolvimento Rural (ADRs) e, conforme o mapa abaixo possui a seguinte disposição:

Divisão do município de Campos dos Goytacazes por Áreas de Desenvolvimento Rural

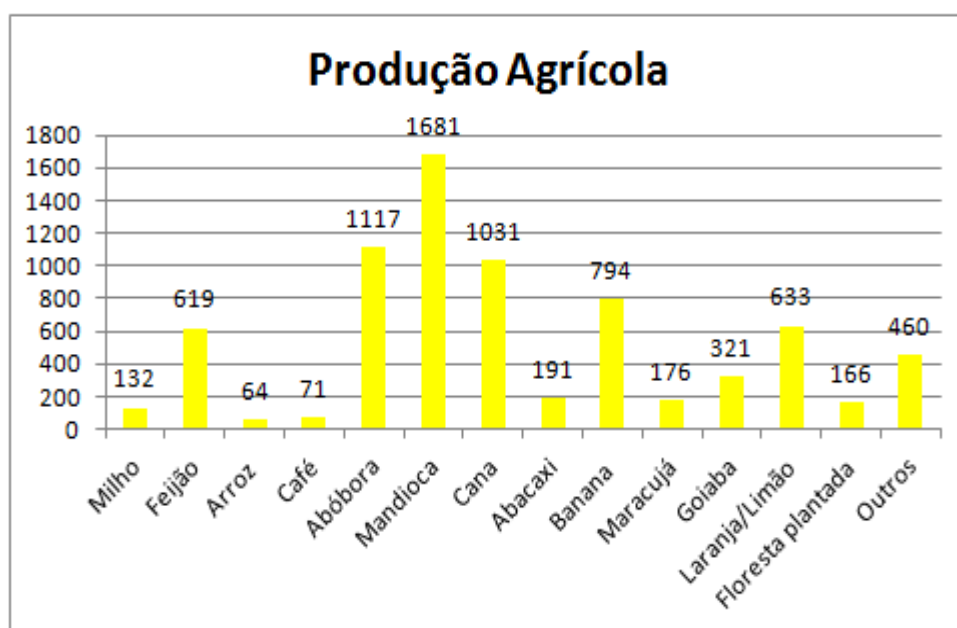


Fonte: Prefeitura Municipal de Campos dos Goytacazes, 2016.

Além dos fatores anteriormente citados, a divisão do município em Áreas de Desenvolvimento Rural permite verificar a similaridade do processo de produção de cada localidade do município, o que faz as divisões terem características mais heterogêneas, verificar as principais demandas das localidades baseadas nos aspectos físicos de cada uma, além de verificar quantos são os produtores em cada uma dessas divisões. Sobre este último ponto, tendo como base o número de produtores que serão analisados neste trabalho, as ADRs compreendem: ADR-I, 81 produtores; ADR-II, 219 produtores; ADR-III, 439 produtores; ADR-IV produtores, 159; ADR-V, 297 produtores; ADR-VI, 226 produtores; e ADR-VII, 260 produtores.

Para a determinação do perfil produtivo do produtor rural de Campos dos Goytacazes foi estabelecido um recorte de dados bom base no que está presente no Cadastro do Produtor Rural. Partindo disso, na tabela que segue verificam-se os números da produção agrícola no município, baseado na quantidade de respondentes do questionário utilizado para a elaboração do cadastro citado anteriormente. Os produtores analisados responderam quais insumos agrícolas produziam. Ressalta-se que o mesmo agricultor pode vir a produzir mais de um insumo agrícola. O gráfico abaixo expõe a quantidade de produtores que trabalham com a produção dos alimentos agrícolas dentro do município.

Produção agrícola dos produtores rurais



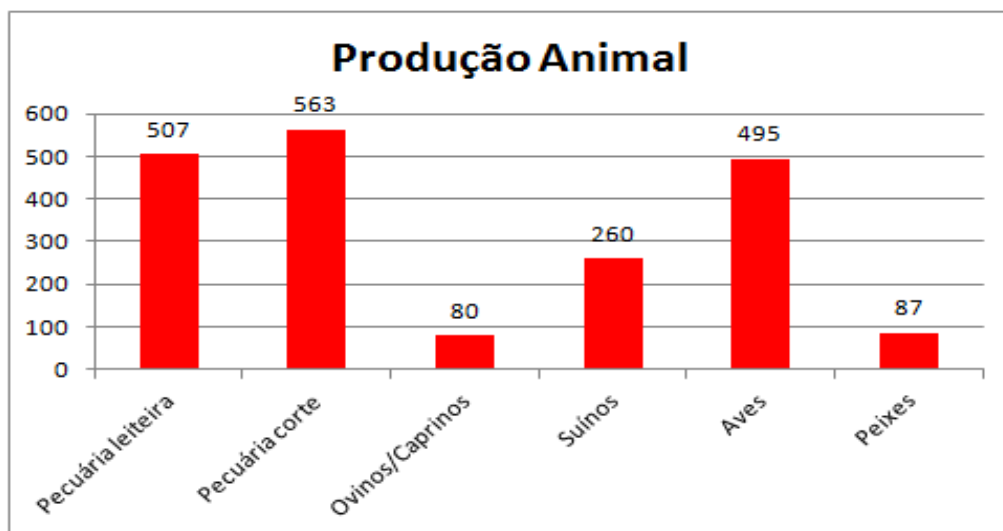
Fonte: Cadastro do Produtor Rural (2016). Elaborado pelo autor.

Analisando os dados expostos verifica-se que o município se destaca pela produção de abóbora, mandioca e cana-de-açúcar numa escala maior, enquanto abaixo encontra-se a produção de feijão, banana além de laranja e limão. Em percentuais a produção de milho é realizada por 7,85% dos produtores analisados, feijão por 36,82%, arroz por 3,80%, 4,22% produzem café, 66,45% produzem abóbora, 100% produzem mandioca, 61,33% são produtores de cana, 11,36% produzem abacaxi, 47,23% são produtores de banana, 10,47% trabalham com a produção de maracujá, 19,1% produzem goiaba, 37,66% são produtores de laranja e/ou limão, 9,88% trabalham com floresta plantada e 27,36% trabalham com outros tipos de produtos agrícolas.

Um aspecto a ser ressaltado nesta análise diz respeito à produção agrícola na participação do PIB municipal do município. Pessanha e Crespo (2006, p.1) afirmam que houve no município uma crise na atividade sucroalcooleira, sobretudo a partir do desenvolvimento da atividade petrolífera no município a partir da década de 1950. Apesar desta crise desta atividade, ainda hoje se verifica um contingente elevado da produção canavieira. Adendo a isso, Rovere e Carvalho (2003, p. 3) ressaltam que durante as décadas de 1980 e 1990 a economia do município ficou extremamente concentrada neste tipo de produção. Embora, numa primeira análise a produção canavieira continue encabeçando a produção de insumos agrícolas verifica-se que o contingente produtivo total é bastante diversificado.

A produção animal se faz presente dentro da atividade agropecuária do município. Dos 1.681 produtores analisados 30,16% trabalham com pecuária leiteira, 33,49% com pecuária de corte, 4,75% com a produção de ovinos e/ou caprinos, 15,47% criam suínos, 29,45% trabalham com a criação de aves e 5,87% estão envolvidos com a venda de peixes. O gráfico seguinte expõe em números crus a quantidade de respondentes para cada tipo de produção. O gráfico a seguir expõe, em números brutos, a quantidade de respondentes que informaram realizar a produção animal, tendo as informações contidas no gráfico foram as que serviram de referência para a realização da análise de percentuais apresentada neste parágrafo.

Produção animal

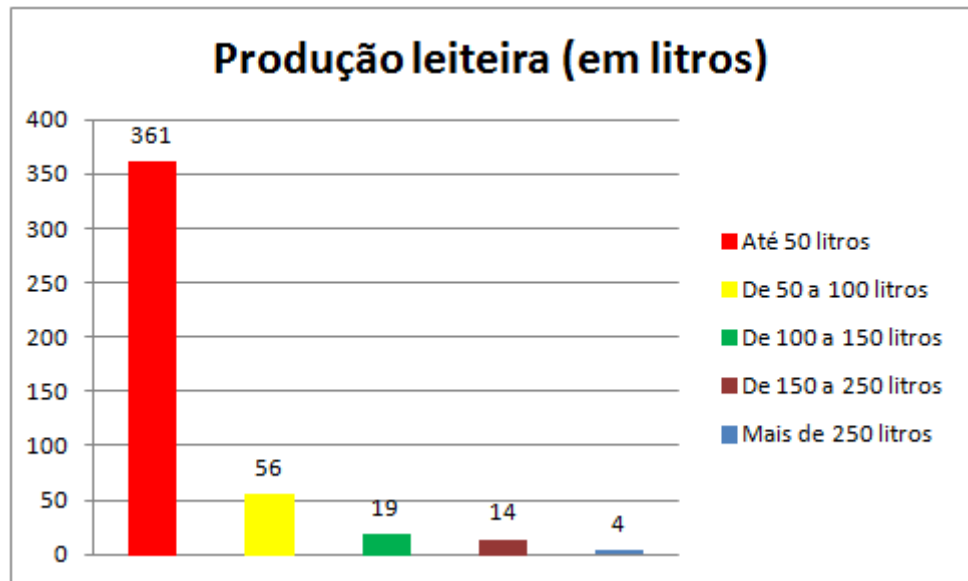


Fonte: Cadastro do Produtor Rural (2016). Elaborado pelo autor.

Ainda que a produção animal não seja tão presente no município como a produção agrícola vale destacar principalmente o número de produtores que trabalham com a pecuária de corte e com a pecuária leiteira. Em virtude disso - sobretudo no que diz respeito ao segundo meio de produção pecuária - há políticas municipais voltadas para contribuir na produção pecuária, podendo ser destacado o programa Mais Leite cujo objetivo é contribuir por meio de assistência técnica e especialização dos produtores visando um maior contingente produtivo desse segmento.

Baseado nisso, o Cadastro do Produtor Rural dispõe de uma seção que diz respeito à produção leiteira e seu intuito é analisar a quantidade de litros de leite produzida por cada um dos produtores que informaram realizar esta atividade. Um detalhe importante é que dos 507 respondentes do questionário que afirmaram trabalhar com a pecuária leiteira, 454 informaram a média de litros produzida diariamente. Sendo assim, os percentuais trabalhados aqui serão baseados nestes que informaram precisamente sua produção. Cerca de 79,51% afirmaram produzir até 50 litros de leite diariamente; 12,33% produzem entre 50 e 100 litros; 4,19% produzem entre 100 a 150 litros; 3,08% dos respondentes produzem de 150 a 250 litros de leite diariamente; e os produtores de 250 litros ou mais representam 0,88% dos respondentes. O gráfico a seguir expõe o número exato dos respondentes.

Produção leiteira



A produção leiteira, por mais que esteja presente no município de Campos dos Goytacazes, representa uma parcela muito pequena da produção agropecuária local, com apenas 454 dos 1681 respondentes analisados participando desta atividade. Não apenas pelo fato do número de produtores ser pequeno se comparado aos produtos com maior quantitativo na produção agrícola, existe um índice baixo de litros de leite produzidos diariamente.

4 – A logística dos produtores rurais do município de Campos dos Goytacazes

De acordo com Ballou (1978, p. 23) o processo de logística tem como objetivo associar o estudo e a administração dos fluxos de produtos e serviços disponibilizados por uma empresa, além de analisar toda aquela informação que colocam para funcionar estes processos. Ainda segundo o autor, se fosse possível colocar em movimento todos os materiais e bens de consumo existentes em movimento o estudo da logística seria algo pouco relevante. Entretanto, isto não ocorre na sociedade moderna uma vez que qualquer região tende a tirar vantagem daquele produto no qual detém de maior capacidade de produção. Missão da logística, neste sentido, é colocar o produto em seu devido destino no tempo mais hábil possível e reduzindo ao máximo os custos de todo o processo (BALLOU, 1978, p. 23).

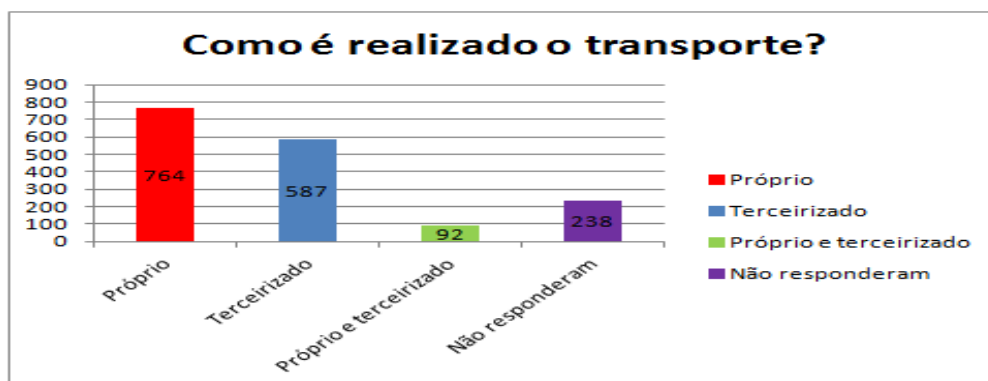
Como dito anteriormente, a logística envolve sumariamente três aspectos dentro de sua estrutura. Estes pontos farão parte do eixo central da discussão proposta neste capítulo, sendo o último deles reservado para a discussão do próximo capítulo. São eles:

- Transportes.
- Manutenção de estoques.
- Processamento de pedidos

Os transportes se mostram como a atividade mais importante do processo de logística, pois tende a absorver a maior parte dos custos. Este processo se mostra essencial uma vez que qualquer empresa ou negócio depende dos transportes para fazer a movimentação de seus produtos, matérias-primas ou serviços. A importância de tal atividade é destacada pelos problemas financeiros que podem prejudicá-la. É o caso, por exemplo, quando há alguma manifestação de greves no setor ferroviário ou os motoristas de veículos de carga pesada paralisam suas atividades em virtude do aumento do preço dos combustíveis. Estes eventos normalmente são nomeados como desastres nacionais, uma vez que eles afetam diretamente as ações do mercado. E, em virtude disso, os mercados que não têm possibilidade de serem atendidos acabam por se tornarem obsoletos. (BALLOU, 1992, p. 24)

Sob este viés, analisa-se aqui as características do transporte do produtor familiar no município de Campos dos Goytacazes. Baseada na análise realizada por meio do Cadastro do Produtor Rural cima da amostragem realizada sob o mesmo banco de dados. A pergunta “Como é realizado o transporte?” presente no questionário que veio a gerar o citado banco de dados cerca de 45,45% afirmaram que o transporte é realizado por cunho próprio, 34,92% terceirizado, 5,47% responderam que usam das duas vidas (próprio e terceirizado) para transportar a produção e aproximadamente 14,16% não responderam a questão. O seguinte expõe o quantitativo exato dos respondentes para cada situação. Os dados apresentam o número de respondentes considerando todas as sete ADRs.

Grau de realização do transporte



Fonte: Cadastro do Produtor Rural (2016). Elaborado pelo autor.

A leitura dos dados permite verificar que, ainda que haja um contingente considerável de produtores que se utilizam do transporte de cunho próprio, há ainda quem dependa da terceirização para poder escoar sua produção. Isto, baseado na perspectiva de Ballou, pode elevar os gastos consideravelmente dos produtores, uma vez que o pagamento a entes terceirizados pode ser extremamente custoso e, uma vez que o transporte em si ocupa a maior parte do processo de logística, o que deverá ser arcado com esta atividade primária tende a ser elevado.

Segundo Ballou (1978, p. 24), muitas vezes não se mostra viável realizar os processos de produção e entrega da mercadoria para os clientes de forma imediata. Para se manter uma possibilidade mesmo que razoável de disponibilizar produtos há de se estocar, pois eles agem como uma espécie de reserva para situações variadas de oferta e demanda. Os estoques tendem a ocupar em média de um a dois terços do total de custos do processo logístico, tornando sua manutenção primordial para todo o processo.

Ainda de acordo com Ballou (1978, p. 25) o transporte agrega o valor quanto a localização do produto, a estocagem dá maior viabilidade ao tempo em que se faz executa o processo. O estoque há de ser posicionado de forma que esteja acessível tanto ao cliente quanto, uma vez que o alto valor de manutenção destes produtos requerem uma gestão bastante cuidadosa.

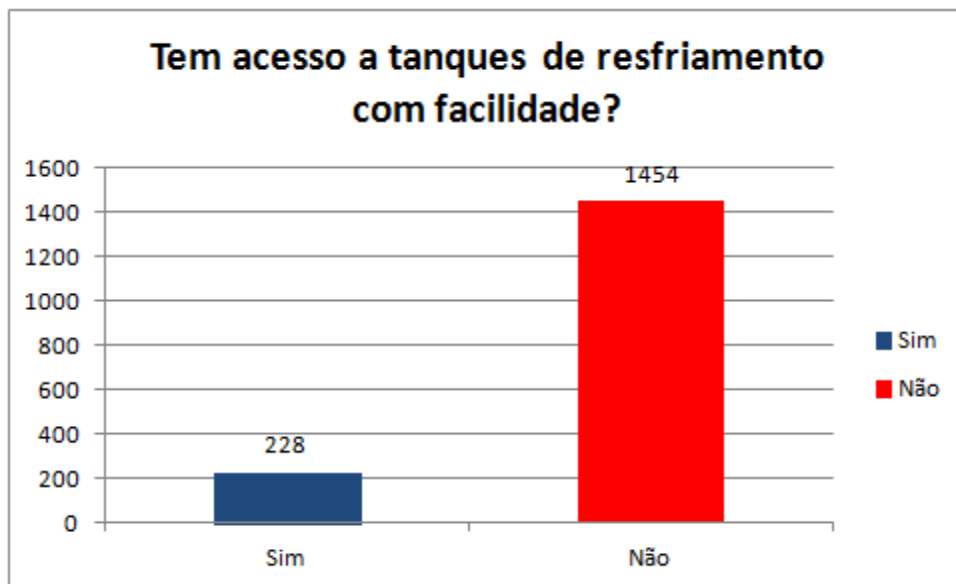
Devido à limitação das informações disponibilizadas pelo cadastro do produtor rural, que não necessariamente informam quais os mecanismos de armazenamento utilizados pelos produtores familiares do município de Campos dos Goytacazes, foi decidido realizar um recorte de informações baseadas nas disponibilidades de recursos para plantio e os interesses dos próprios agricultores, conforme os dados apresentados no campo de interesses disponibilizados pelo Cadastro do Produtor Rural, quanto às próprias necessidades dentro da cadeia produtiva. A partir da análise dessas informações pode-se ter uma ideia de como o armazenamento da produção vem a ser realizado.

Partindo do pressuposto que existem produtos que necessitam de resfriamento para que sejam mantidos, seja para estocagem ou transporte, uma das perguntas presentes no Cadastro do Produtor Rural se refere exatamente a demanda dos produtores rurais quanto a esta forma de armazenamento. De acordo com os dados analisados em cima da quantidade de respondentes amostrados cerca de 13,55% dos respondentes disseram ter acesso a tanques de resfriamento, enquanto 86,45% responderam de maneira negativa quanto a questão.

Este cenário leva ao entendimento que há grande possibilidade da produção dos agricultores estarem numa situação comprometida uma vez que há produtos que

dependem do resfriamento para sua manutenção. O gráfico a seguir mostra o quantitativo exato dos respondentes para esta questão.

Acessibilidade a tanques de resfriamento



Fonte: Cadastro do Produtor Rural (2016). Elaborado pelo autor.

5 - A participação do poder público no processo de escoamento da produção oriunda da agricultura familiar

A análise de dados que diz respeito aos principais destinos do escoamento da produção dos agricultores analisados, cerca de 5,06% dos respondentes analisados disseram comercializar nas feiras espalhadas pela cidade. Estas feiras são oriundas de programas estabelecidos pela prefeitura municipal que possuem o objetivo de colaborar com o processo de venda dos produtores rurais. Os produtores interessados devem se cadastrar no programa para poderem participar das feiras, estas que se dividem em Feira da Roça, Feira de Bairro e Feira do Peixe. A tabela abaixo, feita a partir de um levantamento junto à prefeitura do município, expõe as principais informações a respeito das feiras que estão estabelecidas no município.

Localização e características das feiras municipais

Localidade da feira	Tipo da feira	Periodicidade	Dias da semana	Nº de feirantes ou produtores	Itens comercializados
Praça da república	Feira da Roça	Semanal	Terça e sexta	130	Hortifruti-peixe

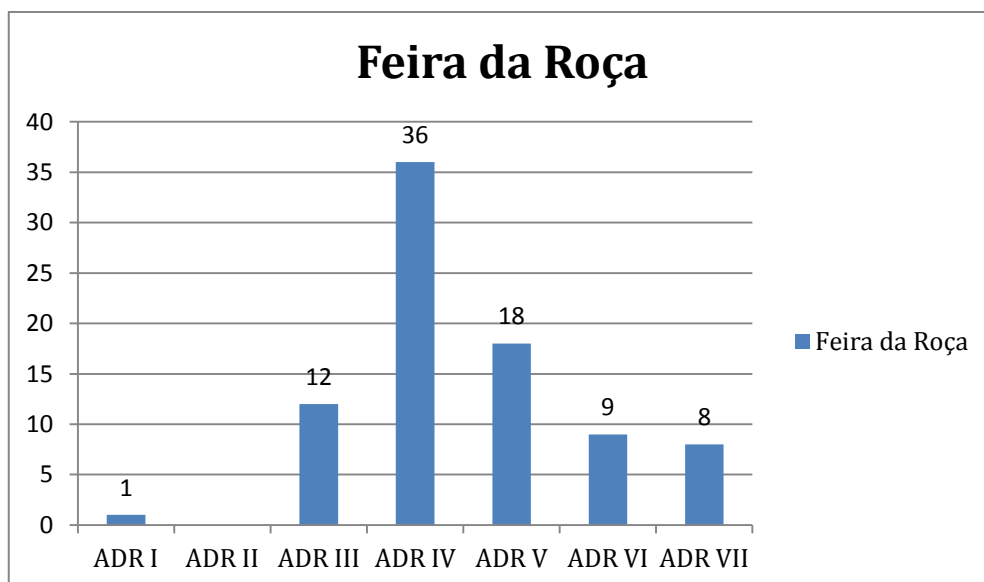
Próximo ao Salesiano	Feira de Bairro	Semanal	Quarta	18	Hortifruti
Praça do IPS	Feira de Bairro	Semanal	Quinta	18	Hortifruti
Jardim Carioca (ao lado do Itaú)	Feira de Bairro	Semanal	Sexta	18	Hortifruti
Feira de rua (próxima à Record)	Feira de Rua	Semanal	Sexta	28	Hortifruti
Alberto Torres (Parque Leopoldina)	Feira da Roça	Semanal	Sábado	18	Hortifruti
Feira de Verão (Praia do Farol)	Feira da Roça	Anual	Verão	70	Hortifruti-peixe
Feira do Peixe (Rua das Palmeiras/28 de Março)	Feira do Peixe	Anual	Semana Santa	?	Pèixe

Fazendo um cruzamento das informações contidas na tabela e no Cadastro do Produtor Rural não se pode saber em qual das feiras cada produtor rural comercializa, uma vez que a variável presente no banco de dados apenas informa se ele participa ou não de alguma tipo de feira. Cabe ressaltar que não foi possível precisar o número de participantes da Feira do Peixe em virtude do número de produtores variar a cada ano. Soma-se a isso a quantidade limitada de dias em que cada feira ocorre, o que pode vir a gerar uma certa irregularidade no processo de vendas.

Após a análise geral a respeito do escoamento da produção, se faz aqui uma verificação mais específica do escoamento de acordo com a Área de Desenvolvimento Rural. Optou-se por fazer um recorte das frentes comerciais para fazer essa análise devido a necessidade de compreender a possibilidade de escoamento para o próprio município. Para as Feiras da Roça, exposta pelo Gráfico 12, apenas 1,23% dos produtores rurais da ADR I analisados faz sua venda neste local; nenhum produtor analisado da ADR II comercializa neste local, 2,73% dos produtores analisados da ADR III comercializa numa das Feiras da Roça; 8,2% dos produtores da ADR IV comercializam na Feira da Roça; 6,06% dos produtores da ADR V comercializam feira da Roça; e em relação as ADRs VI e VII cerca de 3,28% 3,08% dos produtores fazem uso desse espaço para a comercialização de sua produção, respectivamente. O demonstrativo gráfico a seguir expõe, em números brutos, a quantidade de

respondentes analisados no Cadastro do Produtor Rural que comercializam nas Feiras da Roça divididos por ADR.

Número de produtores rurais que comercializam na Feira da Roça, por ADR



Fonte: Cadastro do Produtor Rural (2016). Elaborado pelo autor.

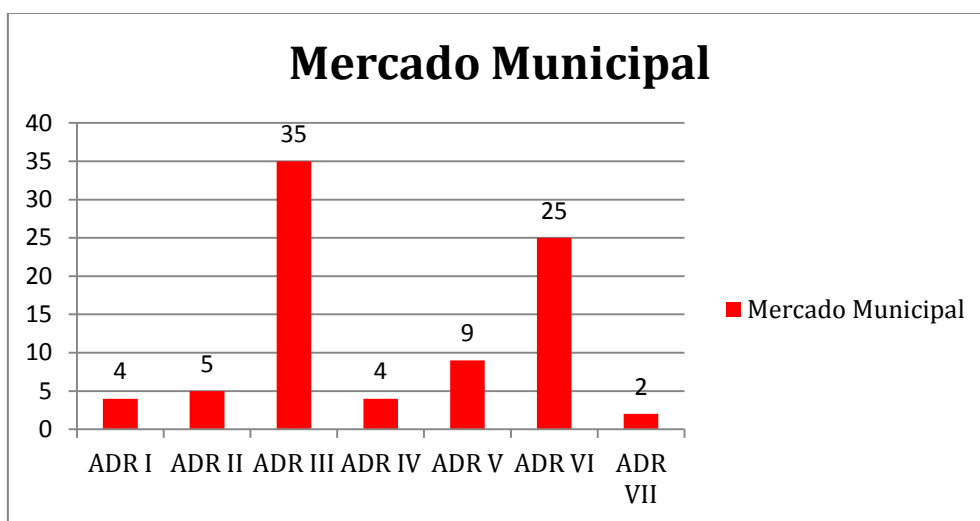
O principal aspecto que leva ao número baixo de produtores das ADRs I e II a participarem da Feira da Roça se mostra na distância em que seus estabelecimentos agropecuários, conforme demonstrado no mapa correspondente à disposição das ADRs no município, fica da região central do município onde as feiras são realizadas. A rota que deve ser percorrida, algo primordial para o processo logístico, sobretudo no ponto discutido desse subtópico que é o acesso aos clientes, pode se mostrar inviável para os produtores rurais sob o ponto de vista financeiro uma vez que o percurso é mais longo. Uma observação interessante é que a presença relativamente considerável de produtores da ADR VII também se localiza distante do centro. Este é um indicador que os produtores que participam da Feira da Roça provavelmente dispõem de transporte e condições de manutenção deste para se locomoverem até a região central do município.

Adendo ao que foi dito, segundo apuração a participação da Feira da Roça depende de inscrição junto à prefeitura para a que seja efetivada, uma vez que é cedido um espaço específico para que as barracas dos produtores rurais sejam instaladas. Vale dizer que a responsabilidade da manutenção dos estoques é de responsabilidade dos comerciantes lá instalados. A exigência parte desde ao uso de caixotes até de pequenas câmaras de

resfriamento. Dado o panorama, este viés burocrático pode ser extremamente dispendioso para os feirantes, fazendo com que a participação no geral seja baixa podendo ter como um dos motivos justamente o custo de manutenção para a continuidade na participação dessas feiras.

O Mercado Municipal é uma das principais frentes comerciais do município e também uma das mais tradicionais. Estes pontos fazem com que a análise de produtores familiares que comercializam neste espaço seja primordial. O percentual de produtores que comercializam no Mercado Municipal, por ADR, é: ADR I, 4,94%; ADR II, 0,23%; ADR III, 7,97%; ADR IV, 2,52%; ADR V, 3,03%; ADR VI, 11,06% ; e ADR VII, 0,77%. O gráfico a seguir expõe o quantitativo exato, dentro da amostra realizada, dos produtores rurais – divididos por ADR – que participam do Mercado Municipal.

Número de produtores rurais que comercializam no Mercado Municipal, por ADR



Fonte: Cadastro do Produtor Rural (2016). Elaborado pelo autor.

Da mesma maneira que as Feiras da Roça, toda a parte relacionada à manutenção dos estoques do Mercado Municipal é de responsabilidade dos comerciantes e, adendo a isso, todos estão sujeitos a visitas da Vigilância Sanitária para a verificação das condições higiênicas do espaço utilizado para a venda. Da mesma maneira, o cadastramento junto a prefeitura é necessário para que a participação no Mercado Municipal seja realizada. Ainda sob o ponto de vista da participação, tomando como base o Mapa 2, o maior quantitativo de produtores rurais presentes no Mercado Municipal está presente nas ADRs III e VI,

justamente as mais próximas do centro do município de Campos dos Goytacazes. Esta proximidade, muito provavelmente, contribui com a viabilidade da participação.

Todavia, ainda que haja participação, é latente que o número de participantes, se analisado de maneira objetiva, é pequena dada à quantidade de produtores rurais presentes. Não obstante a dificuldade para a realização do transporte e armazenamento, demonstradas até aqui, de acordo com informações captadas pela equipe do projeto “Diagnóstico da Política Pública em Segurança Alimentar do Município de Campos dos Goytacazes” o maior contingente de comerciantes presentes no Mercado Municipal é oriundo de outras localidades. Isso traz um panorama bastante complexo, pois mesmo que haja um contingente de produtores rurais no município que abasteceriam este espaço, a falta de condições totais para a participação de grande parte faz com que o espaço seja aberto justamente para aqueles que possuem tais condições, mesmo que sejam de outras localidades.

6 - Considerações finais

O perfil produtivo do produtor familiar de Campos dos Goytacazes é caracterizado, primordialmente, pela produção agrícola. Ainda que historicamente a agricultura familiar tenha sofrido com inúmeros problemas, sobretudo por conta das crises vividas pelo estado do Rio de Janeiro e o crescimento da atividade petrolífera na Bacia de Campos, os dados verificados aqui indicam que a produção agrícola é bastante rica e possui grande potencialidade no que diz respeito ao abastecimento de alimentos do município.

A principal questão a ser tratada refere-se às condições em que os produtores familiares do município possuem não apenas para realizar o escoamento de sua produção, mas para abastecer a cadeia de processos logísticos como um todo. A falta de transporte adequado, dificuldade de armazenamento da produção e o baixo acesso à assistência técnica contínua podem ser consideradas aspectos determinantes para a falta de participação deste produtor no mercado local.

Um aspecto a ser ressaltado nessa discussão se refere à falta de uma central de abastecimento no município, como é o caso das Ceasas. Os produtores que conseguem acessar este tipo de nicho mercadológico o fazem fora do município, buscando a Zona da Mata mineira e os municípios mais próximos da região norte do estado do Rio de Janeiro. A criação de uma central de abastecimento funcional em Campos dos Goytacazes poderia contribuir diretamente na criação de uma rota comercial dentro do próprio município e, dada a extensão territorial existente no município, haveria a possibilidade da central de abastecimento

abranger os municípios do norte fluminense num todo. Logo, a participação da Administração Pública nesse sentido seria primordial, uma vez que ela poderia criar mecanismos que contribuíssem diretamente com os produtores rurais no que tange a resolução de seus principais problemas.

Ainda sobre a participação da Administração Pública municipal, a limitação de espaços disponibilizados pela mesma é evidente com a verificação das poucas feiras municipais que ocorrem no município e as dificuldades tanto de inserção no espaço propriamente quanto na disponibilidade de participar dos programas. Cabe ressaltar que dentre os 1681 agricultores familiares analisados para o trabalho apenas 82 participam do programa de merenda escolar municipal. No caso de Campos de Goytacazes, que participa do Programa Nacional de Alimentação Escolar – PNAE, por lei, 30% do contingente dos agricultores no mínimo deveria estar inserido na política pública.

REFERÊNCIAS

BALLOU, Ronald H. **Gerenciamento da cadeia de suprimentos: planejamento, organização e logística empresarial**. Porto Alegre. Editora Bookman, 2001.

BALLOU, Ronald H. **Logística empresarial: transportes, administração de materiais e distribuição física**. Atlas, 1993.

BUAINAIN, Antônio Márcio; SABBATO, Alberto Di; GUANZIROLI, Carlos Enrique. **Agricultura Familiar: Um estudo de Focalização Regional**. Disponível em: <<http://www.sober.org.br/palestra/12/09O437.pdf>>.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Agropecuário 2017: Resultados preliminares**. Rio de Janeiro: IBGE, 2017

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Demográfico 2010**. Rio de Janeiro: IBGE, 2010.

MARTINS, Andrey. **Logística 1: Introdução**. 2016. Disponível em: <<https://pt.slideshare.net/AndreyMartinsCRF/logstica-1-introduo>>.

MINISTÉRIO DA AGRICULTURA, PECUÁRIA E ABASTECIMENTO. **Agricultura familiar do Brasil é 8ª maior produtora de alimentos do mundo**. [S. l.], 2018. Disponível em: <<http://www.mda.gov.br/sitemda/noticias/agricultura-familiar-do-brasil-%C3%A9-8%C2%AA-maior-produtora-de-alimentos-do-mundo>>

NAVES, Ivo Manoel. **Agronegócio e Logística: Dicotomia**. Companhia Nacional de Abastecimento - CONAB , Brasília, p. 1-12, nov. 2007. Disponível em: <<https://docplayer.com.br/4272089-Agronegocio-e-logistica-dicotomia-ivo-manoel-naves.html>>.

SOUZA, Paulo Marcelo de et al. **Otimização econômica, sob condições de risco, para agricultores familiares das regiões norte e noroeste do estado do Rio de Janeiro**. Pesquisa Operacional, [S.l.], v. 28, n. 1, p. 123-139, jan. 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pope/v28n1/a07v28n1.pdf>>.

TROMBINI, Carlos Lourenço Atanázio; TAKENAKA, Edilene Mayumi Murashita. A LOGÍSTICA COMO INSTRUMENTO DE APOIO AO DESENVOLVIMENTO REGIONAL—O CASO DO ASSENTAMENTO SÃO BENTO III EM MIRANTE DO PARANAPANEMA (SP). **Periódico Eletrônico Fórum Ambiental da Alta Paulista**, v. 11, n. 2, 2015.

WATANABE, Eluiza Alberto de Moraes; TREDEZINI, Cícero Antônio de Oliveira. **A logística das hortaliças produzidas em Itaquiraí-MS**. In: 48º SOBER, 2010, UFMS, Mato Grosso do Sul, Brasil. Comercialização, Mercados e Preços ... Anais do Evento: [s.n.], 2010. p. 1-12. Disponível em: <<http://www.sober.org.br/palestra/15/670.pdf>>.